

CONTRIBUIÇÕES DA MUDANÇA DA CULTURA ESCOLAR NOS PROCESSOS AVALIATIVOS PARA A APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E FÍLMICA

Viviane de Moura Ferreira¹
Iara Aquino Henn²

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise qualitativa, das relações avaliativas para a aprendizagem, tendo em vista que o ato de avaliar faz parte do cotidiano, caracterizado por uma diversidade de concepções. Entretanto, no contexto escolar, o ato avaliativo cumpre, por vezes, um papel classificatório e examinador. Faz-se necessário compreender o papel do professor e do estudante face ao processo avaliativo, com o objetivo de identificar o atual estado do processo da avaliação, a fim de que com os resultados obtidos na contextualização histórica, bem como, na análise fílmica possam auxiliar, em alguma medida, os professores que atuam no Ensino Fundamental, compreendendo qual a finalidade da concepção avaliação para a aprendizagem. Valendo-se de uma pesquisa bibliográfica, tecendo relações com um filme, abordamos o contexto histórico da avaliação. Com intuito de evidenciar novas abordagens para uma avaliação mediadora, buscamos referência em Jussara Hoffmann, Demerval Saviani, Cipriano Carlos Luckesi, etc.

Palavras-chave: Avaliação; Ensino; Aprendizagem; Mediadora

1 INTRODUÇÃO

A investigação objetiva compreender os processos avaliativos presentes na educação escolar, tendo como foco o Ensino Fundamental. Para isso, apontamos a categoria da avaliação imbricada na perspectiva histórica, nas condições e contextos que se instituem os rituais escolares político-pedagógicos, relacionado-a com a categoria cultura. Para Forquin (1993, p.167) o termo cultura significa:

o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normatizados” “rotinizados”, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia do IFPR – Campus Curitiba. E-mail: vivifemoura@gmail.com.

² Doutora em Antropologia Social. Professora no Colegiado de Pedagogia do Instituto Federal de Educação. E-mail: iara.henn@ifpr.edu.br

deliberada no contexto das escola, trazendo contribuições descritivas e analíticas da uma abordagem sociológica que nos ajuda a melhor apreender os obstáculos que encontram os professores em seu fazer com os alunos.

Nessa perspectiva, a avaliação, como categoria, está relacionada a instrumentos avaliativos e não a concepção, critérios e estratégias que o envolve. O ato de avaliar faz parte do cotidiano das pessoas, sendo uma atividade multifacetada, no contexto escolar, que ocorre de forma imprescindível. Diante disso, poderemos compreender o papel do professor e do estudante frente aos processos de ensino e aprendizagem, onde está situada também, a avaliação.

Ao não saber responder um questionamento do professor, ainda no Ensino Fundamental, a autora passou a ponderar sobre o sistema avaliativo, qual sua importância e finalidade. Observou que na realidade educacional, a cultura de examinar e classificar os estudantes, constitui-se como um sistema de avaliação, a qual não leva em consideração o processo de ensino e aprendizagem, resumindo o processo em “provas para reprovar” (LUCKESI, 2011, p. 39).

O processo avaliativo, como dito, se constitui em um processo, dando unidade ao desenvolver-se a avaliação, não apenas em instrumentos de verificação de aprendizagens. Portanto, o objetivo é refletir sobre as práticas escolares de avaliação que se constitui numa importante ferramenta para o professor e o estudante. Assim, esta pesquisa se propôs a construir o contexto histórico que constitui a avaliação, fazendo relações críticas entre referenciais bibliográficos e análise fílmica.

Para Hoffmann (1996, p. 55), importa que se acompanhe a avaliação “em todos os momentos possíveis, para observar passo a passo seus resultados”, portanto, um processo avaliativo que não gere reflexão, está de certa forma incompleto. Pois, a avaliação para e na aprendizagem não visa somente notas e conceitos, o “ato de verificar encerra-se com a obtenção do dado ou informação” Luckesi (2011, p.52) já para a avaliação da aprendizagem:

O ato de avaliar implica coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado com um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objeto. O valor ou qualidade atribuídos ao objeto conduzem a uma tomada de posição a seu favor ou contra ele. E o posicionamento a

favor ou contra o objeto, ato ou curso de ação, a partir do valor ou qualidade atribuídos, conduz a uma decisão nova: manter o objeto como está ou atuar sobre ele. (LUCKESI, 2011 p. 52-53)

A pesquisa é de cunho bibliográfico, sendo que uma revisão constitui-se em uma análise da literatura acadêmica e autores. No presente artigo o referencial bibliográfico foi associado a uma análise fílmica, portanto, é pertinente para a vida acadêmica, o conhecimento de autores bem como os apontamentos que os mesmos fazem acerca da educação, concomitante com as várias visões culturais que permeiam os espaços escolares, para MINAYO (1994, p. 74)

[...] através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à *descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está sendo comunicado.

O uso de narrativas multimídias nos ajudam a entender a visão cultural e pedagógica que permeiam os espaços escolares, com isso, combinamos a fundamentação teórica com a visão cultural dos processos avaliativos, superando a fragmentação do conceito verificação, para a concepção integral da avaliação para a aprendizagem, visando a qualidade da educação ofertada.

Para estabelecer o critério de revisão bibliográfica do artigo, será citado autores da concepção crítica da educação como, Cipriano Luckesi (2005 e 2011), Demerval Saviani (2019 e 2021), José Carlos Libâneo (1985, 1990 e 1994), Jussara Hoffmann (1996 e 2019) dentre outros autores, para o referencial teórico. Na análise multimídia, buscou-se compreender a avaliação nas categorias mediadoras e processuais, estabelecendo relação entre as considerações dos autores e os processos avaliativos existentes no filme.

Este artigo organiza-se em duas seções, na primeira seção é apresentado o contexto histórico da avaliação, bem como as concepções das tendências pedagógicas, evidenciando os processos avaliativos para cada concepção. Na segunda seção é feita uma relação das contribuições de autores críticos da educação com uma análise fílmica, pretendendo elucidar meios que supere a avaliação fragmentada para um processo avaliativo no qual gere reflexão sobre o ensino e a aprendizagem.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO

Na história da sociedade, observamos que os homens só atingiam a maioria após passarem por algum “rito de passagem” (ARANHA, 2012, p.21) ou a avaliação da comunidade, isso demonstra como a avaliação foi se instituindo na sociedade e se transformando, até se organizar no contexto escolar anos posteriores, bem como era concebida e praticada.

Na China, o governo efetuava uma espécie de avaliação física e mental, para com isso determinar cargos e patentes ou até mesmo demitir os oficiais, isso em “2205 a.C” (DEPRESBITERIS, 1989, p.5). O cristianismo através da Bíblia menciona situações de avaliação, as quais tinham por objetivo refletir sobre suas atitudes, sendo sujeito no seu processo de aprendizagem e não somente um ouvinte³, pois todo aquele que ouve passivamente e não pratica é considerado um homem insensato.

No período da Grécia Antiga, a educação sofreu influência dos sofistas e dos grandes pensadores, como Sócrates e Platão, neste contexto os aprendizes eram testados por meio da oratória e capacidade de retórica, avaliando assim o que foi aprendido pelos pupilos durante os discursos de seus mestres, essa avaliação separava os que “seguiriam os estudos para se formarem pensadores ou governantes, dos que iriam para a carreira militar” (TERRA, 2015, p 23).

Vemos na Idade Média, identifica-se uma modificação nas relações de aprendizados, pois surgem nos centros urbanos os artesãos e os aprendizes, denominadas “corporações de ofício”(ARANHA,2012, p 105). Essa relação era de aprendizado na prática e a avaliação decorria do desempenho do aprendiz em efetuar o seu trabalho de forma eficaz ou não.

³ Mateus 7.24-25 Todo aquele, pois, **que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente** que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. Tiago 1:22-25 Tornai-vos, pois, **praticantes da palavra e não somente ouvintes**, [...]. Porque, **se alguém é ouvinte da palavra e não praticante**, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência. Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, **não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante**, esse será bem-aventurado no que realizar.

É durante o período medieval que surgem as universidades, todavia, não tinham a mesma função das universidades atuais, mas no processo de “transmitir e reter os conhecimentos estabelecidos” (TERRA, 2015, p. 35) acabava despertando o interesse pela observação e experimentação, fomentando nos estudantes o desejo de construir pesquisas e produzir ciência. Esse desejo era constantemente reprimido pela igreja, que controlava a educação e o acesso aos livros e manuscritos.

Na idade moderna o homem passa a ser visto como o “centro dos interesses e atenções” (TERRA, 2015, p 38), isso se dá por meio do Iluminismo, um movimento que buscou renovar e transformar a sociedade abordando a razão e o conhecimento, criticando a educação que estava sob o controle da Igreja Católica, promovendo a busca pelo conhecimento científico. Durante este período houve uma explosão de movimentos cristãos, que de certa forma influenciaram a educação, sendo que os dois principais movimentos foram a Reforma Protestante e a Companhia de Jesus - Jesuítas.

Na Reforma Protestante a educação vinha com uma proposta visando o avanço da sociedade, Lutero (1995, v. 5, ep. 309), um dos pais da reforma protestante, afirma:

O progresso de uma cidade não depende apenas do acúmulo de grandes tesouros, da construção de muros de fortificação, de casas bonitas, de muitos canhões e da fabricação de muitas armaduras [...]. O melhor e mais rico progresso para uma cidade é quando possuem muitos homens bem instruídos, muitos cidadãos ajuizados, honestos e bem-educados.

Com isso o acesso à instrução básica torna-se indispensável, a visão protestante de educação estava além dos laços religiosos, consistia em formar o cidadão para o mundo do trabalho. Lutero, entendia que a avaliação punitiva não favorecia o desenvolvimento do estudante, ele propunha atividades físicas, jogos e músicas, recomendando a literatura, história e matemática (ARANHA, 2012, p. 125) para uma formação mais humana.

Surge na Contrarreforma a Companhia de Jesus - Jesuítas, um movimento organizado pela Igreja Católica para combater a reforma protestante, a qual tinha uma visão educacional missionária e uma rígida disciplina militar herdada de seu fundador, “Inácio de Loyola militar espanhol” (ARANHA, 2012, p. 126). Diante da dificuldade de catequizar os adultos a companhia passa a ter o foco nas crianças e

jovens, criando por onde passava escolas que ofertavam uma educação organizada que tinha como documento básico o *Ratio Studiorum*.

O *Ratio Studiorum* era um documento que indicava o caminho da formação ofertada pela companhia de Jesus, o qual era embasado nos princípios e práticas religiosas e isso era seguido de forma rígida, evitando-se qualquer livro, autor e assunto que fosse polêmico. Os conteúdos eram compostos por estudos da língua materna, literatura, história, matemática, retórica, filosofia, ciências naturais, geografia e os conteúdos religiosos vinculados à igreja.

Aranha (2006, p. 128) descreve o conceito de avaliação que consta na proposta de educação do *Ratio Studiorum*, esse conceito era baseado nos princípios da repetição e da memorização:

Com a didática, os jesuítas mostravam-se bastante exigentes, recomendando a repetição dos exercícios para facilitar a memorização. Nessa atividade eram auxiliados pelos melhores alunos, chamados *decuriões*⁴, responsáveis por nove colegas, de quem tomavam as lições de cor, recolhiam os exercícios e marcavam em um caderno os erros e as faltas diversas. Aos sábados às classes inferiores repetiam as lições da semana toda: vem daí a expressão sabatina, usada durante muito tempo para indicar a avaliação.

A Pedagogia Tradicional adentra o Brasil por meio da educação jesuítica, levando em consideração as práticas da repetição e memorização já utilizadas pela Companhia. Nesta corrente pedagógica o papel do professor é o ensino dos conteúdos, todavia o estudante é visto como “tábula rasa”, ou seja, aquele que não se apropriou dos conhecimentos em processos anteriores. E, a avaliação nesta perspectiva se dá de forma classificatória com um caráter verificador. Luckesi (2011, p. 53) afirma que:

[...] a prática educacional brasileira opera, na quase totalidade das vezes, como verificação. [...] tem se utilizado o processo de aferição da aprendizagem de uma forma negativa, à medida que tem servido para desenvolver o ciclo de medo nas crianças e jovens, pela constante “ameaça” da reprovação.

Para a Pedagogia Tradicional o conhecimento é visto de forma fracionada, os conteúdos não possuem vínculo com os conhecimentos já apropriados pelos estudantes e não fazem conexão com a realidade encontrada fora da escola. No

⁴ *Decurião*: no exército romano, uma decúria era um corpo de cavalaria e infantaria composto de dez soldados e que tinha por chefe o decurião.

sentido de superar essa visão fracionária surgem as correntes Renovada Progressivista e Renovadora Não Diretiva (Escola Nova), as quais consideram o estudante o centro do aprendizado e as práticas escolares sendo não diretivas, isto é, adaptadas às necessidades individuais de caráter prático experimental.

Na pedagogia renovada progressivista o estudante ganha voz e espaço, o professor tem o papel de conduzir e facilitar a aprendizagem, desta forma é o estudante quem dita o ritmo. Diferentemente da pedagogia tradicional, o professor não é o centro do processo, os conteúdos científicos têm menor relevância, à medida que os estudantes são o foco do processo de aprendizagem. Nesta perspectiva, a avaliação ocorre quando o próprio estudante se mostra apto para dar sequência aos conteúdos. Libâneo (1985, p. 11) afirma que, para essa corrente

Todo ser dispõe dentro de si mesmo de mecanismos de adaptação progressiva ao meio e de uma conseqüente integração dessas formas de adaptação no comportamento. Tal integração se dá por meio de experiências que devem satisfazer, ao mesmo tempo, os interesses do aluno e as exigências sociais. À escola cabe suprir as experiências que permitam ao aluno educar-se, [...]

Não muito diferente, a Tendência Liberal Renovadora não-diretiva ou pedagogia da escola nova, visa a formação de atitudes, preocupando-se com o estado emocional e psicológico dos estudantes, o professor deve auxiliar na integração da aprendizagem e incentivar a reflexão e a observação, numa perspectiva pragmática. Libâneo (1985, p. 13) conceitua essa concepção pedagógica da seguinte forma:

Acentua-se nesta tendência o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve estar mais preocupada com problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais. Todo esforço está em estabelecer um clima favorável a uma mudança dentro do indivíduo, isto é, a uma adequação social às solicitações do ambiente.

Em vista disto, a avaliação ocorre num formato de autoavaliação, “a motivação aumenta, quando o sujeito desenvolve o sentimento de que é capaz” (LIBÂNEO, 1985 p. 15), desta forma é o estudante que demonstra através de atitudes a compreensão dos conteúdos, porém, muitas escolas que seguem esta linha pedagógica não renunciaram às provas com caráter quantitativo.

Com um caráter voltado para as exigências do mercado da sociedade

capitalista, nasce a Pedagogia Tecnicista, com uma lógica empresarial, essa tendência pedagógica visa a formação da mão de obra e a relação imediata entre a escola e o sistema industrial e tecnológico. Saviani (2019) critica essa corrente e compara as semelhanças com o trabalho fabril, objetivando desta forma o trabalho pedagógico, dotando a educação de uma organização racional e minimizando as interferências externas que pudessem influenciar a eficiência da educação.

Nesta perspectiva o estudante é visto como um depósito que os professores devem preencher com informações, e que ambos devem seguir à risca manuais e apostilas, numa educação mecânica “A escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo”. Para Libâneo (1985, p. 16) a avaliação dentro da perspectiva tecnicista mensura a produtividade e a capacidade de decorar as técnicas ensinadas, bem como se o estudante é capaz de aplicá-las nas suas práticas de trabalho.

Em uma busca pela transformação social, a Pedagogia Libertadora está fortemente relacionada aos movimentos sociais e populares, preocupando-se com a educação das classes proletárias, defendendo a educação como um ato político e a necessidade de libertação dos estudantes por meio da conscientização crítica. Com uma origem não escolar, essa corrente é referenciada por Paulo Freire, que criticava a educação bancária advinda da pedagogia tecnicista, contrapondo-a com uma educação baseada no diálogo, pois “Freire propõe a educação problematizadora, por meio de um método dialógico” (SURH, 2012, p. 144).

Para a pedagogia libertadora o professor terá de propor temas sociais e políticos para discussão, enquanto ele coordena as atividades numa relação democrática entre os estudantes. A perspectiva da avaliação é acompanhar o grupo na reflexão crítica da realidade social, partindo de seminários dialogados, autoavaliação e mudanças de práticas através da consciência crítica.

Se a pedagogia libertadora, que nasce na França, idealizada por Célestin Freinet. no século XX, entende a educação como um ato político a Pedagogia Libertária desconfiava profundamente do estado, SURH (2012, p. 139) nos diz que ela baseava-se na:

filosofia do anarquismo, movimento que possui [...] uma desconfiança profunda em relação ao papel do estado, considerando-o nocivo e desnecessário por impedir a liberdade.

Partindo do pressuposto de que, o que é vivido pelo estudante tem relevância, os conteúdos escolares só terão significado se puderem ser empregues na vida prática, segundo LIBÂNEO (1985, p. 26-27) “os alunos têm liberdade de trabalhar ou não, ficando o interesse pedagógico na dependência de suas necessidades”. Nesta perspectiva a corrente libertária não prevê nenhum tipo de avaliação relacionado aos conteúdos, pois o que terá significado para o estudante serão as vivências e experiências, com a possível relação com a vida prática.

Em 1979 um movimento em prol da educação de qualidade começou a ser consolidada, segundo SAVIANI (2021, p. 20) procurava-se:

fazer uma análise mais aprofundada da questão educacional em geral e da própria teoria crítico-reprodutivista, ou seja, submetê-la à crítica, pondo em evidência o seu caráter mecanicista e, portanto, o seu caráter não-dialético, a-histórico.

Tendo em Demerval Saviani o seu principal representante, a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) passa a defender que a mesma escola, que poderia reproduzir as divisões sociais existentes e que fortemente privilegia a classe dominante, pode ser um instrumento para as classes proletárias, proporcionando ao estudante a apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados e juntamente formação da consciência crítica..

A relação entre professores e estudantes para a PHC é dialética e humanizadora, de acordo com SURH (2012, p. 157)

O professor é o mediador que possibilita essa busca de relações por parte dos alunos, encaminhando as reflexões e atividades, organizando o processo de aprendizagem. O método, baseado na dialética [...]

Ambos, professores e estudantes estão inseridos no processo de ensino-aprendizagem, porém o professor é o responsável pelo processo pedagógico do ensino, oportunizando condições necessárias para a apropriação dos conhecimentos. A avaliação visa, de forma contínua, coletar informações necessárias sobre o desenvolvimento da prática pedagógica para a

intervenção/reformulação das práticas - práxis⁵ - dos processos de ensino e aprendizagem, superando a fragmentação dos conteúdos escolares e sociais.

A avaliação, no contexto histórico, surge com a finalidade de examinar, como um mero instrumento quantitativo, no sentido de selecionar baseando-se apenas na demonstração de possuir as habilidades esperadas. A partir do momento que, passa-se a refletir dentro dos espaços escolares sobre a concepção de avaliação e qual a sua finalidade, vê-se que a avaliação se constitui em um processo, e que, tanto o estudante como o professor relacionam-se durante este processo, com o intuito de atingir o objetivo da aprendizagem.

O quadro a seguir, compreende de forma sistematizada, as informações de cada concepção pedagógica discorrida ao longo da contextualização histórica.

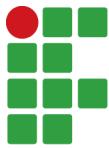
Quadro 1 - Concepções pedagógicas e relações

Concepções pedagógica	Breve resumo	Relação professor - estudante	relação conteúdo	Avaliação
Tradicional	A escola é vista como o único espaço onde ocorre a construção do conhecimento, no intuito de preparar intelectualmente e moralmente os seus estudantes.	O professor transmite os conteúdos de forma imperativa, assegurando a disciplina rígida sobre os alunos, pois desta forma eles conseguirão manter a atenção ao conteúdo.	O ponto principal é repassar os conhecimentos aos estudantes, sem levar em conta a capacidade de assimilação de cada um, numa ação coercitiva e mecânica.	A avaliação se dá de forma a curto prazo, atividades de casa; a longo prazo, provas escritas.
Renovada Progressivista	Cabe à escola suprir as experiências que permitam o estudante educar-se, com a finalidade de adequar as necessidades individuais ao meio social, retratando a vida.	O papel do professor é auxiliar no desenvolvimento livre e espontâneo, a ideia de aprender fazendo está sempre presente.	O aluno será motivado a participar das atividades desde que o tema gerador lhe chame a atenção, num estado de descoberta pessoal, com isso incorporado passando a ser estruturado para novas	A avaliação ocorrerá quando o estudante demonstrar domínio sobre o conteúdo exposto e com isso preparado cognitivamente para novos desafios.

⁵ Prática; ação concreta. Parte do conhecimento voltada para as relações sociais e as reflexões políticas, econômicas e morais.



			descobertas.	
Pedagogia da escola nova	Para a escola cabe estabelecer um clima favorável para que mudanças ocorram dentro do indivíduo, possibilitando assim autodesenvolvimento.	O professor deve intervir o mínimo possível, proporcionando um ambiente centrado no aluno, para que esse possa formar a sua personalidade através de experiências e vivências.	A motivação do aluno será um ato interno, de auto realização, trabalhando os relacionamentos interpessoais e desta forma o próprio estudante irá buscar o conhecimento.	A avaliação irá ocorrer num formato de autoavaliação, sendo assim, será o estudante quem ditará o ritmo e demonstrará se já pode ser exposto um novo conteúdo.
Tecnicista	Cabe à escola ofertar técnicas específicas que irão modelar o comportamento humano, visando um sistema social harmônico.	O papel do professor é bem definido, este tem a função de repassar o conhecimento de forma eficiente e mecânica. Professor e estudante são espectadores frente a uma verdade já imposta.	Os conteúdos são reduzidos a informações e princípios, ordenados de forma lógica e aplicados de forma prática.	A avaliação terá uma característica quantitativa, mensurando a produtividade, a memorização e a aplicabilidade na prática das técnicas aprendidas.
Libertadora	Com uma característica informal, esta concepção trabalha em cima das relações mediadas pela realidade, questionando e visando uma transformação crítica.	Baseada no diálogo, a relação professor aluno é horizontal, ambos são sujeitos do ato de conhecimento.	Os conteúdos são denominados “temas geradores” e retirados da vida cotidiana dos estudantes. Já os conteúdos chamados tradicionais são rejeitados pela aplicabilidade na qual vinha sendo apresentados. Todo e qualquer conteúdo deve surgir dentro do grupo.	Para esta concepção o termo avaliação é descartado, desta forma é incentivado os debates e autoavaliação que gerem uma reflexão crítica acerca do individual e da realidade.
Libertária	Para a escola cabe o papel de formar a autogestão e uma tomada de consciência que	O professor deve se misturar ao grupo, orientando, gerando reflexões e	Os conteúdos resultam das necessidades do coletivo, que de certa forma se entrelaçam com	Esta concepção não estabelece nenhuma forma ou prática de avaliação em termos de



	possa ser trabalhada como resistência contra a burocracia e os instrumentos de dominação advindos do Estado.	catalisando ideias para uma formação crítica. Já o aluno tem a liberdade de participar ou não do grupo.	os conteúdos já tradicionalmente estabelecidos. Desta forma toda experiência vivida pelo grupo se torna conteúdo.	conteúdos. Ela leva em conta as experiências e vivências dos estudantes que podem ser utilizadas em novas situações.
Histórico crítica	O papel da escola é primordial na difusão dos conteúdos, servindo como um instrumento de apropriação do saber a serviço dos interesses populares, contribuindo para eliminar a seletividade social.	O papel do professor é ser um mediador entre o sujeito e o meio, desta forma o estudante pode se expressar dentro do seu contexto social, conferindo com os conteúdos expostos pelo professor, em uma busca pela verdade. Porém o professor deve estar consciente de sua cultura e da cultura do grupo ao qual ele conduz, buscando desta forma despertar e propor conteúdos que motivem uma participação ativa do estudante e de todo o grupo.	Os conteúdos não estabelecem oposição entre a cultura erudita e a popular, antes, propõe uma continuidade progressiva que permite passar da experiência imediata e desorganizada para um conhecimento sistematizado.	A avaliação visará coletar de forma contínua dados necessários sobre o progresso do estudante e do professor, sobre as práticas pedagógicas, com o intuito de reestruturar as práticas e os processos de ensino e aprendizagem, para desta forma superar as divisões de conteúdos, relacionando assim os conteúdos sociais e escolares.

Fonte: Libâneo, (1985.p. 8-34)

Desta maneira o quadro nos auxilia a compreender o que se é esperado a respeito de: conteúdo, relação professor-estudante e avaliação, dentro de cada concepção pedagógica.

3 QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE OS AUTORES TRAZEM PARA ALÉM, NO SENTIDO DE SUPERAR A VISÃO CLASSIFICATÓRIA, EXISTENTES EM ALGUMAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS?

A prática avaliativa durante muito tempo esteve centrada em quantificar as

respostas assertivas de um estudante, os conteúdos passados como verdades absolutas, eram impostas e estáticas, não permitindo ao professor e estudante ponderar acerca de suas relações sociais. Para Saviani (1991, p. 42) “garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais” auxilia a promover, assim, a superação da concepção quantitativa da avaliação.

E nessa intenção de compreender os processos avaliativos, busca rever as práticas de ensino, com a intenção de promover a aprendizagem. Como ferramenta para auxiliar na exemplificação, fez-se importante no texto, uma análise do filme biográfico norte americano, “Um Sonho Possível” 2009, classificado como um drama esportivo.

O filme conta a história do jovem negro, Michael Oher, que ainda criança foi retirado de sua mãe biológica pela justiça, pois ela era viciada em crack. Passando por vários lares adotivos Michael era considerado um “fujão” e “um caso perdido”, porém ao ser admitido em uma escola particular e conhecer a família Tuohy, sua vida começa a se transformar, alguns de seus novos professores passam a ver potencial em Michael, tanto educacional como esportivo.

Ao assistirmos o filme, podemos identificar que a avaliação escolar para aprendizagem tem uma intencionalidade e um compromisso, mesmo diante das concepções das pedagogias tradicionais e tecnicistas já existentes, pois se o processo de educação não é neutro a avaliação também não é. Para Vasconcellos (2013, p 44) quando há mudanças nas práticas por parte dos professores e estes ressignificam a ação docente

Pode haver mudança no *conteúdo* e na *forma* de avaliar, pode haver mudança na *metodologia de trabalho* em sala de aula e até na *estrutura* da escola, e, no entanto, não se tocar no que é decisivo, **intervir na realidade a fim de transformar**. Se não houver um reenfoque da própria intencionalidade da avaliação [...] (VASCONCELLOS, 2013, grifos do autor, p. 44.)

No filme, alguns tipos de avaliação são explorados de forma mais contundente, e caminham para a formação integral da personagem. No início do filme, Michael Oher personagem principal, passa pelo conselho de classe, no qual os professores ponderam sobre o seu histórico e conduta como estudante, no

sentido de aprová-lo ou não como um novo estudante da escola, interliga-se a estas cenas o que Luckesi (2005, p.81) ressalta sobre a avaliação no conselho de classe

[...] ser assumida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que se possa avançar no seu processo de aprendizagem (LUCKESI, 2005, p. 81.)

A princípio os professores veem Michael apenas pelo o que está descrito em seus registros, “o contexto sociocultural de professores e alunos interfere fortemente nos juízos de valor que se estabelecem.” (HOFFMANN, 2019, p. 149). Os professores não buscam conhecer a pessoa Michael Oher, por trás do boletim e do histórico.

É recorrente na concepção pedagógica tradicional os estudantes serem estimados apenas pelos seus resultados em provas, para os professores é o resultado quantitativo que importa, propagando os juízos feitos apenas com uma nota boa ou ruim, “A pedagogia que sustenta o exame se contenta com a classificação, seja ela qual for;” (LUCKESI, 2011, p. 64).

Na sequência do filme a professora de ciências, interpretada por Kim Dickens, apresenta uma nova perspectiva e ressalta que Oher é inteligente e tem potencial de aprendizagem. Com uma didática diferente ela propõe a Michael uma prova oral, que por sua vez apresenta resultados assertivos, Luckesi retoma na continuação de seu texto que:

[...] a pedagogia que sustenta o ato de avaliar não se contenta com qualquer resultado, mas somente com o resultado satisfatório. Mais que isso: não atribui somente ao educando a responsabilidade pelos resultados insatisfatórios; investiga suas causas, assim como busca e realiza ações curativas. O ato de avaliar dedica-se a desvendar impasses e buscar soluções. (LUCKESI, 2011, p. 64)

Neste ato de investigar e realizar ações curativas nasce uma relação íntima entre professor e estudante, o estudante tem o papel de aprender e se desenvolver, e o professor dar base para o desenvolvimento com o ensino. O professor já percorreu o caminho do aprendizado, devendo agora mediar o ensino de forma humana, sem autoritarismo e arrogância, proporcionando ao estudante um ambiente seguro para erros e acertos, até que este atinja o próprio amadurecimento.

A professora de Michael Oher, olhou para o estudante que estava dentro

daquele menino desprezado e marginalizado, e garantiu àquele estudante por meio de diversas atividades avaliativas, a possibilidade de se expressar a partir das apropriações conceituais, bem como, socialmente com os seus pares e adultos que o cercavam. Luckesi (2011, p. 134) afirma que o professor deve auxiliar o estudante, isso não quer dizer que ele

tem a solução completa para todas as experiências de aprendizagem do educando, mas deve ser aquele que, amorosamente, acolhe, nutre, sustenta e confronta sua experiência, seus anseios e caminhos, para que o outro construa sua trajetória pessoal enquanto aprende e se desenvolve.

Para a concepção crítica da educação, o essencial é a formação humana com uma educação intencional e comprometida com o processo de ensino e aprendizagem, gerando uma reflexão no papel da escola, do professor e a função da avaliação. A interação do homem com a natureza, proporciona transformações no ser e no meio, conseqüentemente o meio possibilita a transformação das pessoas em uma relação de teoria e práxis definida por Saviani (2021, p. 22):

[...] a teoria desvinculada da prática se configura como contemplação, a prática desvinculada da teoria é puro espontaneísmo. É o fazer pelo fazer. [...] A teoria é derivada. Isso significa que a prática é, ao mesmo tempo, fundamento, critério de verdade e finalidade da teoria. A prática, para desenvolver-se e produzir suas conseqüências, necessita da teoria e precisa ser por ela iluminada.

Nessa perspectiva, o homem não é um sujeito estático, ele traz consigo uma bagagem histórica e social, permitindo-o fazer conexões com a realidade em que se encontra. Para tornar este sujeito em um ser letrado, cabe ao professor proporcionar com clareza, um ensino que tenha significado para a sua realidade e possibilite o desenvolvimento de todas as capacidades cognitivas do pensamento.

Para o Referencial Curricular do Paraná - RCP (2018, p. 27)

O ato de avaliar é essencial, sendo o momento no qual o professor faz um diagnóstico sobre o processo de ensino e define estratégias de como redimensionar esse processo, refletindo sobre sua prática pedagógica, promovendo a aprendizagem dos estudantes e assegurando o direito universal de educação com qualidade.

Posto isso, a avaliação é entendida como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem e ajustar a prática pedagógica às necessidades dos estudantes, é um elemento indissociável do

processo educativo e tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar o processo de aprendizagem. Nesse sentido, ela jamais deveria ser usada no momento final, mas como um instrumento permanente na vida do professor.

Michael já possuía toda uma trajetória educacional, que até certo ponto tendenciava ao fracasso, mas, com o “ato amoroso” (LUCKESI, 2011, p. 201) de acolhimento da professora, que no primeiro momento o julgou baseando-se em médias e notas impressas em uma folha de papel, repensou a sua abordagem e reviu a sua prática. Essa professora passou por um momento de avaliação, não de conteúdos, ela avaliou a sua atitude em julgar e determinar algo, Hoffmann (2019, p. 168) evidencia que somos:

[...] seres humanos e dotados de sentimentos e racionalidade, estamos sempre refletindo e julgando nossos atos e/ou a consequência deles, mudando ou não de rumos em função disso.

O texto de Luckesi (2011, p. 205) complementa e pontua que, “A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção”.

Aproximando-nos do fim do filme, o professor de literatura com uma abordagem mais tradicional, não renuncia aos testes e provas escritas, e para este professor a avaliação resume-se à “pedagogia do exame”, ele insiste que somente a nota final definirá a jornada escolar de Michael. Segundo Libâneo (1994, p 195), a avaliação é uma análise, uma reflexão do nível qualitativo do trabalho escolar tanto do professor quanto do aluno. Tornando a avaliação um mero instrumento para se alcançar notas e conceitos. Luckesi (2011, p. 68) caracteriza que:

Os exames escolares, da forma como existem hoje, desde que foram sistematizados no século XVI, carregam uma carga de ameaça e castigo sobre os educandos, cujo objetivo é pressioná-los, [...]

Retomando a perspectiva crítica, os instrumentos avaliativos possuem um objetivo, como aponta Vasconcellos (2013, p. 128), o objetivo dos instrumentos de avaliação “é levantar dados da realidade (em cima dos quais se dará o julgamento e os encaminhamentos necessários)”. Diante desta perspectiva a avaliação ou prova, é um instrumento de análise e sistematização do conhecimento, podendo refletir e questionar, estabelecendo assim uma relação entre o objeto de estudo e os seus

significados.

Os instrumentos avaliativos devem levar em consideração alguns pontos segundo Marsiglia, (2014 p. 1320), como: o “conteúdo”, aquilo que será estudado; o “aluno”, para quem aquele conteúdo será exposto e com qual finalidade, o “objetivo”; e por último os “recursos”, como o professor abordará o conteúdo e quais metodologias ele irá utilizar. Marsiglia, (2014 p. 1321) evidencia que a avaliação se dá com base nestes pontos elencados e enfatiza que:

a constatação do que o aluno aprendeu não se dá por meio de um único instrumento, mas devemos planejar situações nas quais possamos avaliar o que o aluno está aprendendo e assim replanejar as ações, seja para potencializar ainda mais o que estamos ensinando, seja para buscar outras estratégias mais adequadas às proposições do ensino. O aluno consegue escrever sobre o que aprendeu? Elabora oralmente uma explicação para o conteúdo? É capaz de fazer relação deste conteúdo com outros? Precisa de um modelo para guiar suas ações? Consegue criar novas situações a partir dos conhecimentos apreendidos? Se chegamos ao domínio de um determinado conteúdo, temos um novo ponto de partida para recomençar o processo de ensino e aprendizagem.

Ao elaborar as avaliações, essas devem ser “essenciais, reflexivas, abrangentes, contextualizadas, claras e compatíveis” (VASCONCELLOS, 2013, p. 128 - 129), com o intuito de possibilitar ao estudante meios em que ele possa se expressar, permitindo a reflexão do que o professor quer e espera e qual o objetivo que o estudante deve alcançar. Neste sentido, o conteúdo da avaliação tem que ser coerente com o ensinado.

Neste contexto, a avaliação serve como referência para o professor, estudantes e a escola no sentido de ponderar sobre as práticas educativas ofertadas, para uma posterior retomada com a finalidade de cada vez mais ofertar uma educação de qualidade. Luckesi, (2011, p. 175) assinala sobre as características de se examinar e na sequência apresenta a concepção da avaliação:

A avaliação da aprendizagem está a serviço desse projeto de ação e configura-se como um ato de investigar a qualidade da aprendizagem dos educandos, a fim de diagnosticar impasses e conseqüentemente, se necessário propor soluções que viabilizem os resultados satisfatórios desejados. Significa investigar e, com base nos conhecimentos produzidos, tomar decisões de intervenção quando necessário.

O ato de avaliar exige conhecimento e objetivo, não pode ser imposto de

forma que venha a sufocar o estudante, Marsiglia, (2014 p. 1323) considera que é necessário diversificar as práticas avaliativas e a quantidade de possibilidades que é dada a cada estudante, para que este demonstre o seu desenvolvimento e aprendizagem.

É preciso diversificar as formas e (consequentemente) o número de oportunidades avaliativas: em grupo, duplas ou individualmente; por meio de redações, testes, observações do dia a dia, resolução de problemas, desenhos etc. Também é fundamental estabelecer critérios objetivos da avaliação, que devem ser explicados aos alunos e estar claros para o professor: o que se objetivou ensinar? Qual a melhor maneira de avaliar a aprendizagem buscada? Quem é o aluno que está sendo avaliado? Os desafios, como sempre, são grandes, mas não intransponíveis e dependem de nosso posicionamento político e nossos domínios teóricos, que empreendem práticas pedagógicas que visem atender cada vez mais e melhor a classe trabalhadora.

Luckesi (2011, p. 184) pondera que, para a avaliação cumprir o seu verdadeiro papel dentro da cultura escolar, esta deve amparar o crescimento da aprendizagem, de tal forma, assumindo a

[...] função de subsidiar a construção da aprendizagem bem sucedida. A condição necessária para que isso aconteça é de que a avaliação deixe de ser utilizada como recurso de autoridade, que decide sobre os destinos do educando, e assuma o papel de auxiliar o crescimento.

A ação pedagógica requer preparo, aplicação e por fim o ato de avaliar, nesta perspectiva a avaliação não é o ponto final de um ciclo, os autores da concepção crítica, como Luckesi, Saviani, Hoffman, Vasconcelos, Marsiglia e Libâneo, contribuem de forma afirmativa que a avaliação é parte de um processo, sempre tentando entender o porquê da educação e para que ela é ofertada.

Constituindo-se em processo abrangente, dinâmico e transformador que visa auxiliar o desenvolvimento dos estudantes e ao mesmo tempo proporciona o autocrescimento do professor, e desta forma transforma a cultura escolar presente nos espaços escolares..

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que avaliação e educação são termos que se relacionam, a avaliação é essencial para os processos educativos, porém cabe ao professor

questionar a funcionalidade da avaliação e o que ela representa para seus estudantes. A avaliação tem uma importância social e política no fazer educativo, é parte do processo referente às formas como acontece o movimento de apropriação do conhecimento sistemático, intencionalmente planejado, ocorrido no ambiente escolar.

Em vista disso podemos afirmar que um professor comprometido com a educação compreenderá todos os aspectos que permeiam sua sala de aula, acompanhando por meio das avaliações o processo de construção e apropriação dos conhecimentos. Reconhecendo na avaliação, um instrumento interconectado aos processos de ensino e que contribui nas aprendizagens, o que leva a compreender o papel do professor dentro da concepção crítica, como mediador que trabalha a avaliação como instrumento de reorganização do processo de ensino dos conteúdos não apropriados pelos estudantes. Desta forma o processo de avaliação é contínuo e permite aos estudantes retomarem os conteúdos que ainda não foram totalmente assimilados.

Os autores usados como referencial corroboram que quando o professor utiliza da avaliação como meio para a aprendizagem e age de forma amorosa, demonstrando se importar com seus estudantes, estes estudantes se sentem acolhidos para, mesmo diante do erro, retomarem e continuar a jornada da educação de forma a atingir o objetivo da educação que é a formação integral do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. C. A. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil.** [e-book]. São Paulo: Moderna, 2012.

BÍBLIA. **Bíblia sagrada.** Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988,1993. Livro de Mateus, Cap, 7, vers. 24-25. Livro de Tiago, Cap, 1, vers. 22-25.

DEPRESBITERIS, L. **O desafio da avaliação da aprendizagem: dos fundamentos a uma proposta inovadora.** São Paulo: Pedagógica Universitária, 1989.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** 17. ed. Porto Alegre: Mediação, 2018.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois.** 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** 9. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** Coleção Magistério. São Paulo: Cortez, 1994.

LUTERO, M. **Obras selecionadas - Ética: fundamentos; oração sexualidade, educação e economia.** São Leopoldo: Sinodal, 1995. v. 5.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática.** Salvador: malabares Comunicação e Eventos, 2005

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 22. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: componente do ato pedagógico.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARSIGLIA, A. C. Galvão. MAGALHÃES, G. M. **REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA.** In: XII Jornada do HISTEDBR - X Seminário de Dezembro, 2014, Caxias-MA. Anais da XII Jornada do HISTEDBR e X Seminário de Dezembro. Caxias-MA: CESC, 2014. p. 1310-1324.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações.** Curitiba, PR: SEED/PR, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 24. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. [E-book] 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica** : primeiras aproximações. [E-book.]. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 12. ed. 2021.

SUHR, Inge R. F. **Teorias do conhecimento pedagógico**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

TERRA, M. L. E. (Org.). **História da Educação** [e-book]. Porto Alegre: Pearson, 2015.

Um sonho possível. Produção de Gil Netter. Direção de John Lee Hancock. EUA: 2009. Warner Bros. Pictures distribuidora, (128 min), color.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança** - por uma práxis transformadora. 13. ed. São Paulo: Libertad, 2013